



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Um perfil sociopolítico das claques do Sporting Clube de Portugal

Duarte Botelho Moniz Rosa

Mestrado em Ciência Política

Orientador:

Doutor Marcelo Moriconi, Investigador Auxiliar, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2024



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

Um perfil sociopolítico das claques do Sporting Clube de Portugal

Duarte Botelho Moniz Rosa

Mestrado em Ciência Política

Orientador:

Doutor Marcelo Moriconi, Investigador Auxiliar, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2024

Aos meus pais, obrigado por tudo.

Agradecimentos

O meu primeiro agradecimento não pode deixar de ir para a minha família, sobretudo para os meus pais, pelo apoio que me deram no meu percurso académico (financeiro e não só), por fazerem de mim quem sou e por nunca desistirem de me ver feliz. Sem eles, nada deste trabalho final teria sido possível.

Obrigado, também, aos meus amigos, os de sempre, os da licenciatura e os que o mestrado me trouxe. São uma segunda família que se foi construindo e solidificando ao longo dos anos e sem a qual não teria superado este desafio. Neste capítulo, deixo um agradecimento muito especial aos amigos de Erasmus, em particular ao Miguel Gato e ao Miguel Rodrigues, colegas de curso, de profissão e de casa, nesta que foi, muito provavelmente, a maior aventura das nossas vidas, até hoje. Um muito obrigado também à Anna, pela amizade de sempre que não quer ser outra coisa.

Agradeço ainda ao ISCTE, pelos ensinamentos que me deu, pelas experiências que me trouxe e pela oportunidade de aqui ter estado nestes dois anos. Nisto, o mais especial dos cumprimentos não pode deixar de ir para o professor Marcelo Moriconi, por me orientar na construção deste trabalho, ainda que remotamente, e por confiar em mim, apesar das (muitas) lacunas, dúvidas e mudanças de última hora.

Termino com um agradecimento geral aos que se cruzaram comigo ao longo deste curso, no ISCTE e não só. De um o modo ou de outro, todos moldaram esta experiência, que acabou por ser bem mais que uma simples ida para a escola. Por isto, a todos sem exceção, o meu mais sincero “obrigado”!

АЙЛЯК

Resumo

Os grupos organizados de adeptos, mais conhecidos por claques, são hoje um fenómeno mundial. O que começou na Itália dos anos 60 do século XX, num contexto de grande convulsão social e política, está hoje disperso pelos sete continentes.

A política acabou também por moldar a realidade destas coletividades no contexto português, ainda que de modo distinto das congêneres italianas. As claques portuguesas tiveram, ao longo dos anos, uma presença que não passou despercebida à atenção pública, e nem sempre pelos melhores motivos, havendo registo de vários episódios de violência com origem nestes coletivos. A literatura, por sua vez, revela uma presença clara da extrema-direita nas maiores claques portuguesas, onde se incluem as do Sporting Clube de Portugal, a mesma extrema-direita que surge associada, também, a atos violentos.

Este é um clube que tem um historial único ao nível do fenómeno dos grupos organizados de adeptos portugueses, pelo simples facto de ter sido nele que se fundou o primeiro deste tipo, no país: a Juventude Leonina. Outras claques acabaram por nascer, sendo atualmente quatro as que o clube tem a apoiar as respetivas equipas, nas várias modalidades desportivas, mas sobretudo no futebol. Nisto, para melhor compreender esta possível correlação entre a violência e a extrema-direita nas claques, e sendo este um fenómeno que extravasa o desporto por si só, envolvendo, nomeadamente, dinheiro público de forma quotidiana, o presente trabalho visou colmatar uma lacuna na literatura, procurando compreender melhor o perfil sociopolítico dos grupos organizados de adeptos portugueses, olhando para o caso concreto de três do Sporting Clube de Portugal, enquanto clube pioneiro deste fenómeno.

Os resultados empíricos revelam que a extrema-direita teve, de facto, uma presença assinalável, nestes grupos, mas não em todos, sendo que o fenómeno “política”, nas claques do Sporting, é agora distinto daquilo que foi em tempos.

Palavras-Chave: Identidade Política; Sporting Clube de Portugal; Grupos Organizados de Adeptos; Torcida Verde; Diretivo Ultras XXI; Juventude Leonina.

Abstract

Organised supporter groups, more commonly known as "*ultras*," are a worldwide phenomenon. What began in Italy in the 1960s, in a context of significant social and political unrest, has now spread across all seven continents. Politics has also shaped the reality of these groups in the Portuguese context, albeit in a different way to their Italian counterparts. Over the years, Portuguese *ultras* have attracted public attention, not always for the best reasons, with several incidents of violence being attributed to these groups.

The literature, in turn, reveals a clear presence of far-right ideology in the largest Portuguese *ultra* groups, including those of Sporting Clube de Portugal. The same far-right is also associated with acts of violence. Sporting has a unique history when it comes to the phenomenon of organised supporter groups in Portugal, as it was at this club that the first of its kind, *Juventude Leonina*, was founded. Other *ultra* groups have since emerged, and there are currently four supporting the club's teams in various sports, particularly football.

To better understand the potential correlation between violence and the far-right in these groups, and recognising that this phenomenon extends beyond sport itself, involving, notably, public funds on a daily basis, this work aimed to fill a gap in the literature by seeking to better comprehend the sociopolitical profile of organised supporter groups in Portugal, focusing on the specific case of three from Sporting Clube de Portugal, as the pioneering club of this phenomenon.

The empirical results show that the far-right did indeed have a significant presence in these groups, but not in all of them. Furthermore, the phenomenon of "politics" within Sporting's *ultras* is now distinct from what it once was.

Keywords: Political Identity; Sporting Clube de Portugal; Organised supporter groups; Torcida Verde; Diretivo Ultras XXI; Juventude Leonina.

Índice

Índice de Quadros.....	viii
Introdução.....	1
Capítulo 1. As claques: origens, mentalidades e envolvimento político	3
1.1. Os hooligans ingleses e os ultras italianos	3
1.2. Política na “curva”: governos, magnatas e ultras contra o “futebol moderno”	6
1.3. O Caso português	8
Capítulo 2. Conceptualização	15
2.1. Grupos Organizados de Adeptos.....	15
2.2. Identidade Política	16
2.3. Extrema-direita	17
Capítulo 3. Metodologia e Objetivos.....	19
Capítulo 4. Análise	21
4.1. Demografia	21
4.2. Mercantilização do futebol.....	21
4.3. Imposições legais	23
4.4. Símbolos extremistas.....	26
Conclusões.....	29
Referências	33
Anexos.....	33
Anexo A: Guião entrevistas.....	40

Índice de Quadros

Tabela 2.1. Conceptualização de "Identidade Política" 17

Introdução

O futebol permite que as pessoas, ao assistirem a jogos, possam identificar-se com um grupo, afirmando-se pertencentes ao mesmo, o que torna o evento desportivo num poderoso instrumento de categorização social (Fernandes, 2021). Assim, o que começou em outubro de 1863 com o nascimento da *Football Association*, em Inglaterra (Kitching, 2015), movimenta hoje outros “mundos” para além do desporto por si só. O presente estudo foca-se num deles: os adeptos. Mais concretamente, o principal objetivo passou por traçar um perfil sociopolítico dos grupos organizados de adeptos (GOA) do Sporting Clube de Portugal (SCP), mais conhecidos por “claques”, procurando perceber se existe hoje alguma identidade política predominante em cada uma destas coletividades, dentro do clube. Para tal, foram feitas entrevistas individuais aos líderes de cada um dos grupos, utilizando-se como veículo as opiniões e visões destes membros, numa tentativa de melhor compreender a generalidade dos indivíduos que compõem estas coletividades.

É do entender do autor que a pertinência de um estudo que incida sobre o perfil sociopolítico de GOA portugueses sai reforçada na medida em que, como se argumenta de seguida, a simples presença das claques é algo que acaba por ter influência, direta ou indireta, no quotidiano dos portugueses, e não apenas nos membros dos GOA e adeptos do SCP, ou sequer no comum adepto de futebol. De igual modo, há várias indícios de que a presença da política nestes grupos acabou por contribuir para o modo de atuação dos mesmos.

Historicamente, os GOA acabam por estar não poucas vezes ligados a demonstrações de violência. Até 2018, Portugal registou duas mortes derivadas de confrontos entre membros de claques de futebol, notando-se também, nas duas décadas anteriores a 2020, um aumento no número de manifestações violentas por parte destes indivíduos, como ameaças, destruição de propriedade pública e privada, carros de jogadores, autocarros de empresas, etc. (Silva et al, 2020). Um dos incidentes mais significativos ocorreu em 2018, aquando do assalto à Academia Cristiano Ronaldo, do Sporting Clube de Portugal, em que meia centena de indivíduos afetos a um dos GOA do clube atacaram vários jogadores de futebol, o treinador e outros membros do staff (Redação-a, 2024).

Paralelamente, algumas claques portuguesas estão associadas a práticas ilícitas, nomeadamente ao tráfico de droga, tráfico e posse de armas proibidas, associações criminosas, dano com violência, roubo qualificado e ofensas à integridade física (Figueiredo, 2008; Gomes, 2024). São dados como estes que levam o Estado Português a gastar perto de

3,5 milhões de euros ao ano em polícia de segurança pública para garantir a vigilância e a segurança dos jogos de futebol, sendo estes números relativos apenas à primeira divisão (Sales Dias, 2015).

A somar a isto, são vários os registos que apontam para uma relação direta entre a extrema-direita portuguesa, atos violentos e as claques, nomeadamente as do SCP (Redação-b, 2007; Gomes, 2024; Oliveira, 2024).

A violência no futebol parece portanto ter implicações individuais, sociais e económicas em Portugal que têm vindo a escalar a nível nacional. Assim, torna-se importante compreender este fenómeno na tentativa de conceber intervenções eficazes para a sua gestão. Um estudo mais aprofundado dos indivíduos que perfazem a plenitude destes grupos poderá, por isso, provar-se benéfico para a compreensão do fenómeno e, como tal, para a legislação em conformidade com a realidade que os pauta, dado que a opinião pública dos mesmos “nem sempre decorre de uma observação direta e regular do desempenho dos membros que compõem estes grupos, mas sim da grande visibilidade que a comunicação social confere aos incidentes perpetrados por alguns deles” (Seabra, 2009, p. 1). Os “olhos” deste trabalho foram, portanto, os líderes das claques.

O trabalho subdivide-se em quatro capítulos. No primeiro, será feito um enquadramento histórico das claques de futebol, a nível europeu, procurando melhor compreender as origens destes grupos, de onde surgiu o envolvimento político de alguns deles e, por fim, analisando em concreto o exemplo do que se passa em Portugal com estes coletivos. O segundo capítulo irá definir os três conceitos que servem de base a este trabalho (“Grupos Organizados de Adeptos”, “Identidade Política” e “Extrema-direita”), bem como o objeto que é aqui alvo de análise. No terceiro capítulo, esclarece-se a metodologia utilizada e os objetivos do trabalho. No último capítulo, é feita uma exposição e interpretação do conteúdo que surtiu da análise, procurando de seguida, e por fim, retirar as devidas conclusões.

Capítulo 1. As claques: origens, mentalidades e envolvimento político

As subculturas de adeptos de futebol, à semelhança de outros grupos e movimentos sociais, veem a sua ação limitada por diversos constrangimentos, sejam eles políticos, culturais ou sociais. É precisamente este trio que, *a priori*, fundamenta o surgimento destas subculturas, as quais, de forma idiossincrática, ostentam determinados traços identitários (Podaliri & Balestri, 1998; Spaaij & Viñas, 2017).

1.1. Os *hooligans* ingleses e os *ultras* italianos

A origem das claques de futebol varia de país para país. Hoje em dia, e desde os anos 90 do século XX, a maioria das claques portuguesas, nomeadamente as do Sporting, assume-se como portadora da chamada cultura “*ultra*”, um movimento de apoio organizado a clubes de futebol cujas origens remontam à Itália do início dos anos 70 (Giulianotti, 1994; Marivoet, 2009), mas cuja etimologia nos obriga a fazer um curto desvio geográfico e temporal, para a vizinha França.

O termo *ultra* tem origem na língua francesa (*ultrá*), e está, na sua origem, ligado ao mundo da política, mais concretamente aos grupos extremistas. Foi utilizado para descrever os apoiantes dos reis franceses na primeira metade do século XIX, bem como os grupos de esquerda no pós-maio de 1968, em França (Podaliri & Balestri, 1998; Testa, 2009).

Simultaneamente, começa a nascer em Itália um movimento semelhante. Inspirados ao início por organizações políticas de esquerda, nomeadamente os protestos estudantis e operários da década de sessenta (Podaliri & Balestri, 1998), os jovens começam a reunir-se nas ruas, tornando-as num palco de pulverização de ideais políticos, tanto de esquerda como de direita, sendo também frequentes os confrontos com a polícia (Testa, 2009). É assim, associando este complexo ambiente social e político às influências da subcultura *hooligan* inglesa (que veremos adiante) que surgem os primeiros grupos *ultra* no futebol italiano (Podaliri & Balestri, 1998).

Começaram então a surgir nas bancadas de Itália pequenos grupos de jovens adeptos que se reuniam atrás de faixas com mensagens intencionalmente ameaçadoras, e que se destacavam do resto dos espectadores pela forma mais animada como expressavam a sua paixão pelo jogo (Roversi, 2017). Como referido, a cultura *ultra* italiana esteve inicialmente

ligada a membros de organizações políticas de extrema-esquerda, inspirada nos protestos levados a cabo pelos operários das fábricas nos anos de 1968 e 1969 (Marivoet, 2009; Podaliri & Balestri, 1998). Estava então em causa uma oposição entre uma visão conservadora eclesiástica do mundo (pró-Fascista, em certa medida) e uma outra ligada à esquerda comunista, na qual os *ultras* se inseriam, embora rapidamente a subcultura se tenha estendido a membros de organizações da extrema-direita (Podaliri & Balestri, 1998).

Tendo em conta que a natureza de muitos grupos de adeptos italianos está relacionada com fatores que vão para além do significado futebolístico, alguns autores defendem a existência de duas realidades distintas de adeptos: o adepto fiel e devoto ao clube, conhecido por *ultra*; e o adepto *UltraS*, que remete a rivalidade clubística para segundo plano, dando primazia às ideologias políticas, à coesão e sobrevivência do grupo e à luta contra a polícia, a comunicação social e as instituições do futebol (Testa, 2009, 2010; Testa & Armstrong, 2013). Assim, enquanto os primeiros são caracterizados por atitudes exacerbadas de apoio ao clube, os segundos, não abdicando de valores de masculinidade, territorialidade e organização, caracterizam-se sobretudo por ideologias de cariz político (Testa, 2009; Testa & Armstrong, 2013).

Uma das imagens de marca dos grupos de *ultras* é, por fim, a organização enquanto coletividades (dal Lago & de Biasi, 1994; Podaliri & Balestri, 1998; Testa, 2009; Testa & Armstrong, 2013), apresentando uma hierarquia bem definida (Bernache-Assollant et al, 2011; Testa & Armstrong, 2013).

O fenómeno *ultra* em Itália foi então uma completa novidade para o país, mas não era propriamente original. Em Inglaterra, um movimento muito semelhante estava já presente há pelo menos uma década: o “hooliganismo” (Roversi, 2017). Nasce de um fenómeno profundamente enraizado na cultura futebolística inglesa, ganhando por isso o nome de “Doença Inglesa”, ou “*English Disease*” (Dunning, 2000). Acabou por evoluir de outros fenómenos parecidos que acompanharam o crescimento do futebol, praticamente desde a modernização do mesmo, na segunda metade do século XIX (Dunning et al, 1988).

O termo *hooligan* surge nessa altura, não no contexto futebolístico, mas para identificar um gangue inglês violento (Podaliri & Balestri, 1998). Acaba por nascer enquanto fenómeno desportivo mais tarde, nos anos sessenta do século XX, quando começam a ocorrer os primeiros confrontos regulares entre jovens adeptos de futebol (Carnibella et al., 1996; Dunning, 1992; Julianotti, 1994; Leeson et al, 2012; Spaaij, 2006, 2007). A verdade, porém, é que o hooliganismo carece de uma definição precisa, acabando por fazer surgir novas

subculturas de bancada no futebol, como por exemplo os *teddy boys*, os *mods*, os *bovver boys*, os *rockers* ou os *casuals*. Apesar de distintos, todos estes alimentaram o estereótipo em torno do termo *hooligan*, generalizando o mesmo (Frostick & Marsh, 2005). E apesar de os intervenientes mais comuns desta prática serem jovens do sexo masculino das classes trabalhadoras, a verdade é que o hooliganismo nunca foi um exclusivo dos escalões sociais mais desfavorecidos (Dunning et al., 1992), ainda que certos autores argumentem que acabou por derivar diretamente do “aburguesamento” do futebol, impondo-se como um movimento de resistência à mudança de paradigma na modalidade (Taylor in Spaaij, 2006). Nesta lógica, importa destacar, de entre as subculturas do hooliganismo, os *casuals*.

Nascida na região de Merseyside, em Inglaterra, durante a época desportiva 1977/1978 (Redhead, 2004, 2012), a cultura *casual* assume-se como um estilo de participação no futebol distinto dos restantes ao rejeitar a ostentação de símbolos clubísticos, prezando antes pela discrição nas idas aos estádios, com os membros a utilizar marcas de roupa sonantes (Marivoet, 2009; Redhead, 2012; Spaaij, 2006). Trata-se de uma subcultura interessante, na medida em que acaba por antagonizar com aquelas que alguns autores entendem ser as motivações culturais e sociais do hooliganismo. Isto porque, segundo argumenta Williams (1991), os *casuals* acabam por refletir uma necessidade consumista e de ostentação, numa época caracterizada por dificuldades económicas em Inglaterra.

Importa, por fim, ressalvar que o hooliganismo, além de um conceito científico, é também um produto da comunicação social e do discurso político, sendo por vezes utilizado erradamente para definir diferentes formas de violência perpetradas por adeptos, as quais causam alarme social, o que por sua vez funciona como catalisador de mais violência (Giulianotti & Armstrong, 1998). Note-se também que, contrariamente às abordagens sociológicas referentes ao hooliganismo, os *UltraS* demonstram uma multiplicidade de origens sociais, sendo difícil categorizá-los através desta condição (Testa & Armstrong, 2013).

Assim, genericamente falando, os *ultras* transportam em si valores de identidade exacerbados, de entrega total ao coletivo clubístico e de defesa das cores do clube até às últimas consequências, enquanto desenvolvem uma cultura de demarcação provocatória dos demais (Marivoet, 2009). Os *hooligans*, por sua vez, pautam-se pela busca ativa de confrontos, quer com *hooligans* de clubes rivais quer com adeptos pacíficos, ou até mesmo com a polícia, vendo a violência como um fim em si mesma (Spaaij & Viñas, 2005; Spaaij,

2007). E quanto ao *modus operandi* do hooliganismo, defende Spaaij (2006), podem ainda ser associados atos de racismo e xenofobia.

É possível, portanto, verificar a existência de formas de ação coletiva altamente diversificadas entre os diferentes grupos de adeptos de futebol. Enquanto prossecutores de determinados objetivos, os membros organizam-se e procuram obter recursos que lhes permitam atingir as metas a que se propõem (McCarthy & Zald, 1977; Tilly, 1978), havendo uns que acabam por receber apoio por parte das direções dos clubes, quer financeiro quer material, tais como bilhetes ou locais para sediarem os grupos (dal Lago & de Biasi, 1994; Podaliri & Balestri, 1998).

1.2. Política na “curva”: governos, magnatas e *ultras* contra o “futebol moderno”

Se a política se faz presente nos jogos de futebol por iniciativa dos adeptos, também as instituições políticas foram exercendo a sua influência sobre este desporto ao longo dos anos, nomeadamente através dos próprios Governos. Inglaterra é exemplo disto mesmo.

O ambiente vivido nas bancadas inglesas em jogos de futebol mudou radicalmente ao longo do tempo, para o qual muito contribuiu o Governo da antiga primeira-ministra Margaret Thatcher, nos anos 80 do século passado. No fundo, tudo começou como resposta a uma série de eventos trágicos que envolveram *hooligans* britânicos, dos quais resultaram dezenas de mortes. O mais conhecido acabou por ser o acidente de Hillsborough, na cidade de Sheffield, em que 96 adeptos perderam a vida pisoteados, devido a uma bancada sobrelotada (Góndia, 2013).

Foi então que o Governo de Thatcher implementou uma série de restrições às partidas de futebol, como a proibição de bancadas sem assentos, a remoção das cercas que separavam as bancadas do relvado de jogo, a introdução de videovigilância nos estádios, a venda de bilhetes nominais e a obrigatoriedade de cartões de identificação de adeptos e pesadas sanções por invasões injustificadas de campo, que podiam ir desde multas elevadas à proibição total de acesso a recintos desportivos, ou até mesmo a penas de prisão (Kosiorek et al. 2011: 390–392). Estas novas medidas acabaram por ser implementadas um pouco por toda a Europa, e são até hoje o principal gatilho para os protestos de vários grupos de adeptos (Góndia, 2013). Um destes protestos, porventura o mais conhecido, é o movimento contra o chamado *futebol moderno*.

O *Against Modern Football* (AMF), ou “Contra o Futebol Moderno”, foi iniciado em meados dos anos 2000. Trata-se de um protesto através do qual os fãs têm expressado o seu descontentamento e oposição face às transformações recentes que o universo futebolístico tem sofrido (Gońda, 2013). Embora relativamente recente, o movimento teve antecedentes em Inglaterra, durante os anos 60 do século XX, quando os adeptos começaram a criticar a comercialização crescente do futebol, com medidas que foram desde a subida dos preços dos bilhetes à crescente importância do mercado de transferências de jogadores, passando pela profissionalização dos mesmos. Tudo isto, diziam os fãs da altura, levou a um afastamento deste desporto das suas origens operárias, uma crítica que se perpetuou até aos dias de hoje e que continua a ser o principal mote do AMF (Taylor, 1971: 363; Millward 2011). Há até autores que defendem que o nascimento do hooliganismo deriva diretamente deste “aburguesamento” do futebol, impondo-se como um movimento *per se* de resistência à mudança de paradigma na modalidade (Taylor in Spaaij, 2006).

Um dos assuntos que mais controvérsia tem gerado, à luz destas críticas, é a compra irrestrita de clubes por parte de investidores milionários, muitas vezes anónimos. Um dos exemplos mais conhecidos é o do clube inglês Chelsea FC, comprado em 2003 pelo empresário russo Roman Abramovich. Assim, entre magnatas russos e sheiks árabes, vários são os empresários que detêm hoje clubes de futebol que, aos olhos dos fãs, acabam por ser usados pelos novos donos como meros brinquedos, servindo por vezes como um meio para obter lucros especulativos e carregar dívidas (Gonda, 2013). Há casos em que o descontentamento com a venda do clube a personalidades como Abramovich foi tal que os próprios adeptos acabaram por fundar um clube satélite, replicando o original, mas com o título AFC (do inglês “*Affordable Football Club*”, ou “Clube de Futebol Acessível”). Um dos casos mais mediáticos é o do Liverpool AFC, fundado em 2008 (Gonda, 2013). Há também o exemplo da Alemanha, em que a Federação de Futebol obriga os investidores a deter não mais que 49% do capital de um clube, permitindo que os sócios e adeptos financiem mais de metade do mesmo. É a chamada lei dos “50+1” (Gonda, 2013).

Hoje em dia, os movimentos de protesto dos adeptos parecem ser mais intensos e difusos. Independentemente das opiniões políticas e animosidades existentes entre diferentes grupos, deu-se início a uma campanha, sobretudo a nível europeu, para reverter aquilo que os fãs consideram ser uma “degradação” do futebol que o afastou das suas raízes, quando era “um meio de entretenimento igualitário” para pessoas comuns e uma parte importante da cultura da classe operária local. No fundo, a crescente comercialização do futebol levou a que assistir a

uma partida nos dias de hoje, e desde o final do século XX, seja um evento acessível apenas a alguns (Gońda, 2013).

"A participação dos adeptos em jogos de futebol é [hoje] medida pela quantidade de dinheiro gasto em serviços e merchandising, ao invés do apoio demonstrado durante os jogos, este último sendo algo que não só não aumenta a receita como, pelo contrário, muitas vezes gera custos adicionais. [Disto resulta que] as autoridades acabam por eliminar certas iniciativas dos adeptos que possam perturbar o espetáculo: lugares em pé, pirotecnia ou coreografias."

(Antonowicz et al. 2012, p. 4–5)

1.3. O Caso português

1.3.1. No país

Em Portugal, bem antes do surgimento dos *ultras* italianos ou sequer dos *hooligans* ingleses, pode-se dizer que um certo movimento conjunto de adeptos surgiu quando o desporto se massificou a nível nacional, por volta dos anos 20 do século passado, levando a que certas pessoas começassem a identificar-se com determinado clube (Serrado & Serra, 2014). Nesta altura, o fenómeno constituía-se ainda, nas palavras de Serrado e Serra (2014), como uma versão “rudimentar” do sentido moderno em que hoje compreendemos as claques. Ainda assim, as primeiras possuíam já alguns denominadores comuns com as atuais: defendiam o clube de forma massiva; pretendiam prejudicar o grupo contrário através de apupos, críticas, gritos, ofensas, etc.; recorriam não poucas vezes à violência para alcançar os seus desígnios; e correspondiam a um gosto idêntico e comum de um grupo restrito de pessoas que se mobilizavam regularmente aos campos ou aos estádios para defender o seu clube. E tendo em conta que as partidas de futebol da altura se jogavam, nomeadamente, entre equipas portuguesas e inglesas, a identidade das claques de então circunscrevia-se, sobretudo, à nacionalidade, sendo que o principal fator de identificação com um clube era, por sua vez, o sucesso desportivo (Serrado & Serra, 2014).

Avançando no tempo, a generalização das claques portuguesas ocorre nos anos 80 do século XX, com o aparecimento dos primeiros GOA no sentido moderno do termo: organizados e hierarquizados (Serrado & Serra, 2014). Numa fase inicial, eram formados de

modo espontâneo, sendo constituídos, sobretudo, por colegas de escola que assistiam aos jogos na mesma bancada (Seabra, 2019). A Juventude Leonina (Juve Leo), claque de apoio ao SCP, foi a pioneira, nascendo em 1976 e lançando o mote para as restantes (Serrado & Serra, 2014). Entre 1984 e 1986, o fenómeno espalhou-se por todo o país e praticamente todas as equipas da primeira divisão de então acabaram por ganhar novos GOA (Viñas, 2023). A subcultura *ultra*, por sua vez, começa a afirmar-se em Portugal no início dos anos noventa, sendo que na viragem do milénio, e como já aqui foi referido, a grande maioria das claques portuguesas já se assume como tal (Giulianotti, 1994; Marivoet, 2009).

A nível estrutural, as claques procuraram então imitar a organização dos respetivos clubes: uma gestão personalizada (elegendo um líder, ou *capo*) - composta pelos fãs mais antigos, mais velhos ou que tenham mostrado habilidade em confrontos com outros grupos - que assume as rédeas da claque, enquanto as comissões ficam responsáveis pelas coreografias, viagens, relações-públicas ou pelo material, cuja venda, em alguns casos, acaba por tornar-se numa fonte de receita. Nascem depois os núcleos, formados por pessoas de um GOA vindas da mesma localidade ou bairro (Viñas, 2023).

A identidade das maiores claques portuguesas acaba por circunscrever-se, sobretudo, à rivalidade entre a capital administrativa e o centro industrial do país: Lisboa e Porto, respetivamente (Seabra, 2019). Quanto a orientações políticas, apesar de as primeiras claques em Portugal não terem nenhuma identidade política assumida de raiz, os anos 90 viram surgir indivíduos ligados à extrema-direita no seio das mesmas, como os *skinheads*, o que culminou na formação de mini-grupos identitários dentro de um coletivo maior, nomeadamente na Juve Leo e nos *No Name Boys* (NN), uma das claques do Sport Lisboa e Benfica (Serrado & Serra, 2014; Varela, 2007).

“Os grupos extremistas infiltrados nas claques, apercebendo-se facilmente [do] contexto sócio-desportivo, exploram as rivalidades para fomentar os ódios, a violência, a publicidade” (Falcão, 1993, como citado em Serrado & Serra, 2014, p. 185)

“Entre skins de todas as claques, não há rivalidades clubistas (...), as relações são ótimas, há quem até seja capaz de estar entre os NN uma semana e entre a Juve Leo na outra” (Skinhead anónimo, 1993, como citado em Serrado & Serra, 2014, p. 186)

Contrariamente ao que sucedia ao mesmo tempo, por exemplo, na vizinha Espanha, a presença do extremismo político nas claques portuguesas circunscrevia-se quase exclusivamente à extrema-direita, com as primeiras suásticas a ganhar maior destaque durante um jogo entre o Clube de Futebol Os Belenenses e o Sport Lisboa e Benfica, a 3 de janeiro de 1993, no Estádio do Restelo (Viñas, 2023). E pese embora tais infiltrações não serem da responsabilidade das organizações das claques, alguns líderes garantiam que todos os indivíduos eram bem vindos, independentemente da sua identidade política ou cor partidária. “Na ficha de inscrição ninguém diz qual o seu credo ou a sua religião. Nem nós queremos saber”, garantia Gonçalo Dias (1993, como citado em Serrado & Serra, 2014, p. 187), líder dos NN de então.

Exceções houve, ainda assim. Na claque Alma Salgueirista, por exemplo, 81,4% dos membros admitiam uma preferência por partidos de esquerda (Viñas, 2023). Mas se é verdade que, nos anos noventa, surgiram em alguns estádios bandeiras comunistas ou imagens de Che Guevara (esta última mostrada por membros da Torcida Verde), acabou por prevalecer um certo apolitismo de esquerda no movimento *ultra* um pouco por toda a Europa, pelo que a visibilidade da esquerda neste meio acabou por diminuir (Viñas, 2023).

Quanto a episódios de racismo, um estudo de 2021 que envolveu vários elementos do universo desportivo português revela que mais de metade dos inquiridos vê o racismo como uma realidade no desporto, em Portugal, e garante ter assistido a mais do que um episódio de discriminação deste tipo, sendo a maioria dos ataques dirigidos a atletas (Neves, 2021).

No virar do século, a presença recorrente de símbolos extremistas, somada à reincidência de episódios de violência e vandalismo em espaços públicos, acabou por atrair uma enorme cobertura por parte dos órgãos de comunicação social portugueses, criando e generalizando uma imagem negativa destes grupos na opinião pública (Viñas, 2023). É com esta conjectura que os mesmos passarão, no século XXI, a estar obrigados por lei a registar-se enquanto associações (Viñas, 2023).

O novo milénio deu então início a um controlo mais sério e rigoroso por parte do Governo em torno destas coletividades. As claques devem hoje estar registadas no Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), conforme prevê o art.º 14.º da Lei n.º 52/2013, de 25 de Julho. Para tal, devem estar constituídas enquanto associações nos termos do associativismo jovem, conforme prevê a Lei n.º 23/2006, de 23 de Junho. Só confirmando este preceito legal é que se admite o reconhecimento oficial das claques, o qual prevê a atribuição de apoios do clube ao grupo organizado de adeptos (Conceição, 2014), com a

Autoridade para a Prevenção e Combate à Violência no Desporto (APCVD) a ameaçar os clubes com sanções caso os respetivos GOA não se regularizem (Seabra, 2019).

No que toca a identidades políticas, embora a lei portuguesa não impeça manifestações deste tipo por parte dos GOA, acaba por proibir os promotores de espetáculos desportivos de apoiar aqueles que o fazem. Estes apoios, aliás, apenas são permitidos às claques oficialmente reconhecidas junto da APCVD, não tendo as restantes o direito legal a recebê-los. O teor dos acordos, por sua vez, fica estabelecido junto de protocolos celebrados entre a claque e o clube (Lei n.º 39/2009).

Consequentemente, e chegando aos dias de hoje, foram muitos os grupos que, vendo a sua autonomia posta em causa por tal legislação, acabaram por recorrer à clandestinidade, o que implicou algumas consequências, como a interdição nas entradas dos estádios de materiais alusivos às claques (Seabra, 2019). Tal foi o caso da Juve Leo e do Diretivo Ultras XXI (o segundo maior GOA do SCP), que viriam mesmo a perder o estatuto de claques oficiais junto do clube (Viñas, 2023).

1.3.2. No Sporting CP

Procedemos agora para uma curta contextualização das origens de cada um dos três GOA do SCP aqui em análise.

Juventude Leonina

Nascida em 1976, a Juventude Leonina, também conhecida por Juve Leo, foi criada em Lisboa por adeptos do Sporting Clube de Portugal. Começou com um grupo de jovens que tinham emigrado para o Brasil, durante a ditadura do Estado Novo, onde ficaram a saber do fenómeno das *torcidas* (as claques brasileiras), cuja cultura acabam por importar para Portugal, uma vez regressados ao país (Seabra, 2019; Dunning et al. 2002). Tinham como principal objetivo animar os jogos de uma forma diferente e festiva, usando grandes bandeiras, pirotecnia e latas de fumo, ganhando deste modo um novo protagonismo dentro do estádio (Viñas, 2023).

A nível político, é de uma cisão neste GOA que vai nascer o Grupo 1143, uma coletividade neonazi fundada por Mário Machado (um dos membros da claque) e a única do género envolvida diretamente no universo *ultra* português, apesar de nunca se ter identificado

com tal cultura futebolística (Marivoet, 2009). Em 2015, o Grupo 1143 foi considerado extinto, havendo quem defendesse que se encontrava apenas “adormecido” (Redação, 2015-c). Nem dito nem feito, o grupo voltou a estar envolvido na organização de novas ações de protesto, mais recentemente (Barreto, 2024; Oliveira, 2024).

Diretivo Ultras XXI

O Diretivo Ultras XII (DUXXI) nasce em 2002, um ano que marca várias mudanças na história do SCP, nomeadamente a adoção de um novo símbolo e a mudança para um novo estádio (Diretivo Ultras XXI, s.d.).

Nascido de uma cisão na Juve Leo, o Diretivo acaba por instalar-se na bancada norte do Estádio José Alvalade, oposta à chamada “Curva Sul”, onde os outros dois costumam estar, nos jogos em casa. A separação nasce daquilo que consideravam ser, na altura, uma “total desorganização e situacionismo de alguns elementos da Curva Sul” (Diretivo Ultras XXI, s.d.).

No que toca a política, o preâmbulo dos estatutos do DUXXI assinala apenas que a claque é um grupo autónomo em relação a qualquer instituição ou organização (Diretivo Ultras XXI, s.d.). Note-se, porém, que um dos fundadores do GOA, Miguel Ângelo Gaspar Pacheco, mais conhecido por “Miguel D’Almada”, ajudou também a fundar a coletividade neonazi “Grupo 1143”, juntamente com Mário Machado, e está hoje indiciado pela justiça federal brasileira por integrar uma organização criminosa transnacional de extrema-direita, a *Hammerskin Nation* (Santos, 2023). Acabou por abandonar o país, já depois da fundação do DUXXI, perante várias ameaças de que foi alvo, por dívidas acumuladas, num caso que se ficou a dever, em parte pelo menos, a uma polémica com um CD lançado pela Juve Leo, claque da qual também foi membro (Ferreira, 2017).

Torcida Verde

A claque do SCP que vem a ficar conhecida por “Torcida Verde” nasceu sob o nome “Força Verde”, instituindo-se em 1983 como um subgrupo da já existente Juve Leo. A ligação entre os dois, porém, durou apenas alguns meses, acabando a Força Verde por se independentizar, criando um novo GOA sob o nome por que hoje é conhecido, a 11 de novembro de 1984 (Torcida Verde, s.d.-c).

A Torcida Verde destaca-se entre as restantes claques “sportinguistas” pela defesa do ecletismo dentro do clube, enquanto ideal de um dos membros e atletas fundadores (Torcida Verde, s.d.-b). A nível político, procura também contribuir para áreas de intervenção social, assumindo um papel claro de chamar a atenção para os direitos dos adeptos, criticando muitas vezes o preço dos bilhetes, os horários dos jogos, “o papel nefasto dos agentes dos jogadores ou [os] exagerados interesses comerciais e televisivos” no desporto (Torcida, s.d.-a). Defendem, ainda assim, uma postura de “política zero” dentro da claque, recusando associar-se diretamente a movimentos ou agrupamentos deste cariz (Torcida Verde, s.d.-d).

1.3.3. Demografia

De um ponto de vista sociodemográfico, as claques portuguesas são maioritariamente constituídas por elementos do sexo masculino sem filhos, desempregados e com um nível de educação não superior ao ensino obrigatório. Em relação ao comum adepto de futebol, são também mais jovens os membros destas coletividades (Leite et al, 2020).

Quanto ao perfil dos adeptos do Sporting em geral (*ultras* e não só), Cardoso (et al, 2007) destaca dois aspectos sociodemográficos: são adeptos com idades sobretudo entre os 30 e os 39 anos, e com a maioria a integrar profissões administrativas de carácter qualificado. A nível político, por sua vez, é também de notar que, apesar de a maioria se identificar como sendo de esquerda, um estudo de Seixas & Moriconi (2023) encontrou adeptos sportinguistas de todos os quadrantes políticos. O mesmo estudo revela que a identidade dos adeptos de futebol portugueses aparenta estar pouco relacionada com política, havendo uma certa heterogeneidade identitária, nomeadamente nos “três grandes” do futebol português, estando mais diretamente ligada à naturalidade geográfica, com o Sporting, tal como o Benfica, a concentrar a maioria dos adeptos em Lisboa e o Porto a fazê-lo no norte do país.

Capítulo 2. Conceptualização

Feito o devido enquadramento teórico, o presente trabalho irá então basear-se em três conceitos-chave: “Grupos Organizados de Adeptos”, “Identidade Política” e “Extrema-direita”.

2.1. Grupos Organizados de Adeptos

Legalmente, entende-se hoje por “Grupo Organizado de Adeptos” um conjunto de pessoas, filiadas ou não numa entidade desportiva, que atuam de forma concertada, nomeadamente através da utilização de símbolos comuns ou da realização de coreografias e iniciativas de apoio a clubes, associações ou sociedades desportivas, com carácter de permanência (Lei n.º 39/2009).

Sociologicamente falando, Serrado e Serra (2014) entendem as claques como grupos organizados com rituais, cânticos e formas de estar idênticas e bem definidas, com estruturas próprias, hierarquias delimitadas e um objetivo preciso de apoiar o seu clube e prejudicar o adversário por todos os meios possíveis, incluindo (por vezes) o uso de violência.

Importa, também, reiterar a diferença entre dois fenómenos intrinsecamente associados às claques de futebol que já aqui foram abordados: os *hooligans* e os *ultras*, duas culturas dentro do universo dos GOA que, embora distintas, tendem a ser confundidas e, por vezes, equiparadas.

Recapitulando, os *ultras* inserem-se, idealmente, numa forma de apoio organizado e não numa postura de violência, enquanto o hooliganismo constitui uma forma mais agressiva de apoio, dentro do futebol (Spaaij & Viñas, 2005). Na realidade, porém, a maioria dos grupos de *ultras* inclui núcleos de adeptos violentos que se envolvem em conflitos políticos ou territoriais com *ultras* rivais ou com a polícia, muitas vezes influenciados pelo vandalismo do futebol inglês. Assim, pelo menos em teoria, enquanto os *ultras* enfatizam a criação de uma atmosfera apaixonada, com grandes exibições coreografadas, os *hooligans* pautam-se pela busca ativa de confrontos com *hooligans* de clubes rivais, vendo a violência como um fim em si mesma (Spaaij & Viñas, 2005).

Outra diferença importante entre os dois fenómenos é o número de pessoas envolvidas em cada um, com os *ultras*, em parte devido à sua natureza organizada e institucionalizada, a apresentar, por norma, mais membros do que os *hooligans* (Spaaij & Viñas, 2005). Assim

sendo, e dado que, na década de noventa, as claques em Portugal passaram a assumir-se como portadoras da subcultura *ultra* (Marivoet, 2009), não foram aqui tidos em conta grupos de *hooligans* ou outros ditos “mini-grupos”, dado que os respetivos membros estão, normalmente, inseridos em coletividades maiores que, essas sim, foram o alvo da análise.

2.2. Identidade Política

São várias e distintas as definições propostas para o conceito de “identidade política”. Bernard Lamizet define-o como “uma articulação entre a dimensão individual do sujeito e a sua dimensão coletiva, a qual se expressa, por sua vez, na dimensão real da suas práticas, na dimensão simbólica das suas representações e na dimensão imaginária das suas utopias, fantasmas ou crenças” (Lamizet, 1992, p. 228).

Já Andrew Vincent entende o termo como um conjunto de “conceitos, valores e símbolos que incorporam a conceção da natureza humana, indicando: o que é alcançável; reflexões críticas sobre a natureza da interação humana; os valores a que o Homem pode aspirar ou rejeitar; e a organização técnica da vida social, económica e política” (Vincent, 2010, p. 18).

Simplificando, para efeitos do presente trabalho, identidade política pode ser genericamente entendida como uma autoconcepção pessoal dos objetivos e ideais subjacentes ao modo como um sistema social e político deve funcionar (Grove et al, 1974). Resta então a questão: como é que se avalia/mede a identidade política?

Ao contrário do que muitas vezes sucede quando com ele se trabalha, a correta caracterização do conceito de “identidade política” carece de uma pluralidade de dimensões. Quem o diz são Feldman e Johnston (2014), ao alertarem que não basta usar uma única dimensão para descrever a identidade política das massas, algo que normalmente ocorre sob a forma de uma bipolarização do fenómeno, no típico espectro “Esquerda - Direita”.

Os autores propõem então uma subdivisão da identidade política em duas dimensões distintas: uma económica/administrativa e uma cultural/social, em que a primeira reflete o peso que o Estado deve ter no controlo da economia e a segunda, por sua vez, descreve o grau com que o mesmo atua sobre as liberdades individuais e costumes. E por forma a medir cada uma delas, estes professores de ciência política utilizam duas variáveis: por um lado, o SDO (“Social Dominance Orientation”), para a vertente administrativa, e, por outro, o RWA (“Right Wing Authoritarianism”), para a vertente cultural (Feldman & Johnston, 2014).

“Um SDO elevado reflete uma personalidade mais dominante, de quem busca a superioridade socioeconómica e está menos preocupado com a preservação de instituições e valores tradicionais. (...) Pessoas com alto RWA tendem a ser conservadoras.” (Feldman & Johnston, 2014, p. 339)

Tabela 2.1. Conceptualização de "Identidade Política"

Conceito	Dimensões	Indicadores / Variáveis
Identidade Política	Económica / Administrativa	SDO
	Cultural / Social	RWA

A medição efetiva de cada uma destas variáveis acaba por ser feita por via de questionários de administração direta, uma abordagem distinta da que foi orquestrada neste trabalho, como se detalhará no capítulo seguinte.

2.3. Extrema-direita

A “extrema-direita” engloba todo um espectro de pensamento político definido até hoje de forma pouco consensual na literatura. Segundo Mudde (1995), são pelo menos cinco as características mencionadas pelos autores que trabalham este tema: nacionalismo, racismo, xenofobia, antidemocracia e um Estado forte. Ainda assim, Andrew Vincent (2010) argumenta que é possível conceber os atuais movimentos de extrema-direita na Europa como sendo de cariz fascista, um conceito que acaba por gerar mais consenso.

“Fascismo” pode então ser entendido como a organização totalitária do Governo e da sociedade por uma ditadura de um só partido, intensamente nacionalista, racista, militarista e imperialista (Ebenstein, 1974). Trata-se de uma ideologia política cujos princípios acabam por incorrer numa série de contradições, nomeadamente quando tenta apelar a todos, de forma universal, promovendo em simultâneo o ultranacionalismo (Vincent, 2010). São, no entanto, estas mesmas incoerências que acabam por atrair muitos para este pensamento político, na

medida em que espelham as confusões das pessoas que não sabem com que classe política se hão de identificar (Ebenstein, 1974).

Importa ainda distinguir a “extrema-direita” de um outro conceito, o de “direita radical”. Ao contrário da primeira, cujos partidos se definem como autoritários e antidemocráticos, a direita radical joga segundo as regras da democracia, embora se oponham a alguns dos seus valores (Mudde, 2007; Marchi, 2020). São conceitos parecidos, até por causa dos três pilares em que o radicalismo de direita assenta, segundo Mudde (2004, 2007): nativismo (os não nativos constituem uma ameaça para o Estado), autoritarismo (a ordem é a base da liberdade e as infrações à lei devem, por isso, ser severamente punidas) e populismo (uma ideologia superficial que bipolariza a sociedade em dois grupos antagónicos e homogéneos – o povo e a elite corrupta – e considera que a política deve basear-se na vontade geral do primeiro).

A importância de ambos os termos prende-se também com o momento político que Portugal atravessa. Vive-se hoje uma ascensão dos partidos de direita radical, na Europa, que deixou de ser entendida como uma mudança paradigmática, característica das democracias ocidentais contemporâneas, sendo agora concebida como uma “normalidade patológica” onde os valores centrais (nativismo, autoritarismo e populismo) podem ser entendidos como uma radicalização de valores *mainstream* (Mudde, 2010). Em Portugal, apesar de o país, durante uns anos, se ter mantido como uma exceção a esta ascensão do radicalismo de direita, este último acabou por entrar no espectro político nacional com a chegada do partido CHEGA, em 2019, que conseguiu eleger o primeiro deputado logo nas primeiras eleições legislativas a que concorreu (Jorge, 2019) e conta com 50 representantes na Assembleia da República, à data de conclusão deste trabalho (Laxmidas, 2024). Não ironicamente, a ascensão do primeiro líder do CHEGA, André Ventura, deveu-se em grande parte à muita cobertura mediática que lhe foi sendo conferida ainda antes de assumir a presidência do partido, quando foi, nomeadamente, comentador de futebol no canal CMTV (Mendes e Dennison, 2020).

Capítulo 3. Metodologia e Objetivos

Para este trabalho, o método de pesquisa baseou-se na realização de entrevistas com os líderes das claques aqui em análise: “Samico”, da Juventude Leonina, “Pibe” Nascimento, do Diretivo Ultras XXI e Luís Carlos, da Torcida Verde.

A entrevista é descrita na literatura como uma forma de conversa, ou como dizem Sidney e Beatrice Webb, uma conversa com um propósito (Webb e Webb, 1975). Assim, as conversas aqui tidas, partindo de uma análise documental à informação disponível sobre cada um dos GOA (por via de artigos jornalísticos, dos *websites* oficiais e redes sociais dos grupos e também da literatura existente sobre o tema), serviram para tentar compreender melhor as origens, a composição, a mentalidade e a dinâmica das três claques em análise, aos olhos dos respetivos líderes.

Um dos conceitos base a ter em conta neste trabalho foi, então, o de “identidade política”. Esta mesma identidade, como se pôde concluir no enquadramento teórico, serviu de base à fundação de alguns GOA europeus, nomeadamente em Itália. Assim, a estrutura do questionário (Anexo A) começa por inquirir sobre as origens dos grupos do SCP aqui em estudo, por forma a tentar perceber se houve, de igual modo, alguma motivação política inerente ao nascimento destas claques (Pergunta 1, Anexo A). É também neste sentido que se procura saber os traços que distinguem cada claque das restantes, bem como os motivos que levam as pessoas a aderir às mesmas (Perguntas 2 e 3, Anexo A).

Questiona-se, de seguida (Perguntas 6 e 7, Anexo A), sobre eventuais envolvimentos da claque noutras atividades e com outras identidades, extrafutebol. O objetivo da pergunta passa por perceber se houve ou há alguma ligação direta entre a claque e uma certa identidade específica que possa ser associada a determinada orientação política, como partidos políticos, por exemplo (Pergunta 4, Anexo A).

A quinta pergunta (Pergunta 5, Anexo A) visa conhecer um pouco melhor as pessoas que constituem as claques, em termos sociais, de género, económicos, etc., com o propósito de averiguar se existe alguma homogeneidade entre os membros e, nomeadamente, como é a convivência entre eles (Pergunta 5a, Anexo A) bem como se a política é um tema presente nas interações (Perguntas 5b e 5c, Anexo A).

As perguntas seguintes começam então a procurar perceber o modo como os GOA do SCP se posicionam perante certos movimentos futebolísticos, procurando usar as respostas como indicadores de cada uma das dimensões do conceito de “identidade política”, o SDO e o

RWA. Os movimentos foram então a *crescente mercantilização do futebol* e as *limitações legais impostas aos GOA*. A primeira visa associar-se diretamente aos princípios medidos pelos SDO (Pergunta 6, Anexo A), enquanto a segunda procura indícios semelhantes aos que seriam avaliados pelos RWA (Pergunta 7, Anexo A), os indicadores já elaborados no capítulo anterior.

Por fim, e recuperando outro conceito teórico que serviu de base a esta pesquisa, o virar do século marcou uma série de infiltrações da extrema-direita no seio de algumas das maiores claques portuguesas. A questão relativa à exibição de símbolos políticos extremistas (Pergunta 8, Anexo A) visou, por isso, uma leitura mais direta daquilo que poderão ser as crenças políticas dos membros das claques aqui em análise, tendo por base as características que a literatura entende serem as definidoras do extremismo de direita, onde se inclui ainda o racismo, que também foi abordado (Pergunta 9, Anexo A). No seguimento deste tema, questionou-se cada líder, por fim, sobre a presença de alguma das subculturas de adeptos de futebol já aqui enumeradas, no capítulo teórico (Pergunta 10, Anexo A).

As entrevistas foram realizadas em português (remotamente, no caso da Juve Leo e da Torcida Verde, e presencialmente, no caso do DUXXI) e duraram, em média, cerca de uma hora, à exceção da conversa com Luís Carlos, líder da Torcida Verde, que acabou por estender-se por mais de três horas. Todos aceitaram ser gravados e o conteúdo das respostas foi posteriormente verificado, por via de artigos jornalísticos e científicos, bem como de informações disponíveis no *website* oficial do Sporting Clube de Portugal.

O objetivo deste estudo não foi, por isso, o de apresentar uma descrição exaustiva e detalhada do perfil sociopolítico das quatro claques do Sporting (que o torne representativo das mesmas). Procurou-se, sim, compreender melhor as orientações políticas presentes em cada uma, por via das posições dos líderes em relação à crescente mercantilização do futebol, às limitações legais impostas aos GOA, e à exibição de símbolos políticos extremistas nas bancadas.

Capítulo 4. Análise

Feitas as entrevistas, além de destacar a descrição geral feita pelos líderes sobre as pessoas que compõem cada uma das claques, a leitura das mesmas foi então conduzida à luz das três baias teóricas acima referidas: a *crescente mercantilização do futebol*, as *crescentes imposições legais feitas aos GOA* e *manifestações de símbolos ligados à extrema-direita*. A análise das conversas seguirá agora pelo mesmo caminho.

4.1. Demografia

O tipo de pessoas que compõem os três grupos não aparenta ser algo que os distinga entre si. Tanto Samico como Pibe e Luís Carlos falam numa clara variedade de gente, tanto a nível de idades como no que toca ao nível social, bem como à origem racial, e “todos sabem ao que vêm, do engenheiro ao miúdo”, garante o líder da Juve Leo. Luís Carlos elabora, afirmando que a presença de movimentos socioculturais nestes grupos “tornou o movimento *ultra* num fenômeno heterogéneo e massificado”. Também Pibe descreve o Diretivo como sendo uma claque feita de “vários estratos sociais”, que contou também com vários membros afrodescendentes, ao longo da história do grupo, ainda que não representem uma maioria.

4.2. Mercantilização do futebol

Recapitulando, a mercantilização do futebol prende-se com a crescente comercialização deste desporto, o que acabou por afastá-lo das suas origens proletárias. Neste campo, todos os líderes são perentórios em criticar a crescente envolvência do mercado no universo futebolístico, o que denota uma clara preferência pela manutenção das tradições futebolísticas, ainda que em detrimento de uma eventual superioridade económica e financeira.

Samico entende que, “hoje, qualquer pessoa compra um clube e trata-o como uma empresa, o que contrasta com a paixão dos adeptos”. Afirma que os sócios passaram a ser vistos pelos dirigentes como “pequenos acionistas”, vendo descartada a vertente da paixão pelo jogo que, para o líder da Juventude Leonina, deveria ser um dos pilares. Diz mesmo que o clube, no fundo, será sempre dos sócios, na medida em que os mesmos acabam por ser o maior ativo do SCP. “Compreendo que tenha de haver negócios para o clube se aguentar, mas quem compra para ganhar dinheiro...isso é o futebol moderno. Tira-se a essência do futebol”,

lamenta. O líder da Juve Leo admite, por isso, que se revê no movimento AMF. “O futebol é cada vez mais à base de números. Só interessa ganhar e gastar dinheiro”, atira.

Luís Carlos acaba por detalhar mais as posições da Torcida Verde. A conversa começa com um recuo de 50 anos no tempo, ao 25 de abril de 1974, ano em que terminou a ditadura do Estado Novo em Portugal e em que, garante o líder da claque, a forma de ver futebol acabou por mudar, no país. “Depois do 25 de abril, ir à bola passou a ser um ritual, quase como ir à missa. A Força Verde contribuiu para esta nova forma de ver futebol”, começa por dizer. Fala numa época em que os adeptos tinham uma participação mais ativa na vida do clube, e destaca, nesse aspeto, o papel de um presidente, em particular. “João Rocha cultivava muito essa cultura de proximidade com os adeptos. A Torcida nasce nesta altura, em que os adeptos não eram clientes”, explica. João Rocha foi um empresário que chegou à presidência do SCP a 7 de setembro de 1973. Liderou o clube durante 13 anos, sendo até hoje o presidente que mais tempo permaneceu no cargo (Sporting Clube de Portugal, s.d.).

Sobre a identidade da claque, Luís Carlos fala num grupo baseado em dois dos principais moteis do SCP, na sua origem: o ecletismo e a participação ativa na vida do clube. “Temos provas disso. Ainda há três ou quatro meses, ajudamos a limpar as bancadas”, exemplifica. O líder da Torcida lembra que, no início da claque, o objetivo do SCP era a massificação do desporto a nível nacional, tarefa que garante ter sido feita, quase em exclusivo, por atletas e dirigentes amadores, uma tese desde já confirmada pelo próprio João Rocha (Record, 2006). Entende, porém, que, hoje em dia, “seria uma tarefa hercúlea manter o Sporting nesta mentalidade da fundação”. Brinca inclusive com a situação, ao lembrar uma mensagem sobre o assunto, mostrada pela Torcida num jogo de futebol. “Em 2006, fizemos uma coreografia irónica, a dizer que a solução do Sporting era a ‘refundação’ do clube, para regressar à identidade original. A ironia é que o Sporting já foi refundado, mas no pior sentido”, critica.

Trata-se de uma referência ao chamado “Projeto Roquette”, batizado com o nome de um outro presidente do SCP, José Alfredo Parreira Holtreman Roquette, que serviu o clube entre 1996 e 2000 (Sporting Clube de Portugal, s.d.). Tratou-se de um projeto com o objetivo de dar um novo impulso financeiro ao clube, mas que, segundo João Rocha, acabou envolto em muito secretismo e que, no final, não beneficiou o clube, como adiantou o antigo dirigente em entrevista ao jornal desportivo *Record*, em 2006.

“O Projeto Roquette liquidou o Sporting. Ninguém soube o que era o projeto, porque [José Roquette] não dizia. Sabia-se, apenas, que era uma dezena de sociedades,

dirigentes e funcionários superiores a ganhar centenas de milhares de contos. O projeto foi reduzir os sócios de mais de 100 mil para pouco mais de 30 mil, foi acabar com as modalidades amadoras, foi vender património, foram dezenas e dezenas de milhões de contos de prejuízo que não aparecem nos resultados, porque parte deles foram executados pelo Sporting. No caso da SAD, deram-se informações falsas aos associados e à própria CMVM para a entrada na bolsa.” (João Rocha, como citado em Redação, 2013-d)

Luís Carlos, da Torcida Verde, partilha da opinião de João Rocha. “A partir de 1995, o Sporting virou um clube de futebol... ponto. As modalidades começaram a acabar, rendemos-nos à ‘futebolização’ do Sporting, e os dirigentes renderam-se ao *business*”, acrescenta. Fala por isso no futebol como um “um espetáculo popular” de raiz, mas que, com o tempo, deixou de o ser. Lembra os estádios como lugares “interclassistas”, mas lamenta ser algo que, na opinião do líder da Torcida Verde, se perdeu. No fundo, o futebol “foi criado pelos pobres e roubado pelos ricos”, sintetiza.

Por fim, sobre este tema, Pibe, presidente do Diretivo Ultras XXI, revê-se nas observações de Luís Carlos e de Samico, acrescentando apenas que sente que há muitos interesses em torno das televisões. Entende que os canais desportivos acabam por influenciar muito as horas a que os jogos decorrem, impondo muitas vezes as transmissões em horários que acabam por desmotivar as idas ao estádio, por serem ou muito tarde ou em horário laboral, durante a semana.

4.3. Imposições legais

Recapitulando de novo, as imposições legais referem-se às crescentes restrições que foram sendo impostas aos adeptos durante as partidas de futebol, quer durante o espetáculo quer no acesso ao mesmo. Aqui, uma vez mais, os três líderes partilham opiniões, criticando fortemente as leis que foram sendo aplicadas a estes grupos, não só pelo facto de as considerarem injustas e discriminatórias, mas também por entenderem que a legislação acabou por ser pouco eficaz na resolução dos problemas que deveria ter resolvido, nomeadamente ao nível da violência. As posições das claques acabam, por isso, por transparecer uma certa aversão ao controlo e à obediência à autoridade, o que, pela lógica do

que ficou explicado no capítulo anterior, poderá denotar uma mentalidade pouco conservadora, talvez até libertária, em certo modo.

Regressando à conversa com Samico, da Juve Leo, o líder vê estas leis como tendo por único objetivo o de limitar as claques ao máximo, e sem resultados que as justifiquem. “Compreendo que há muitos excessos, mas, olhando para o exemplo inglês, vemos que não resolveram nada. Continuam com problemas entre adeptos, a comunicação social é que não dá ênfase ao que se está a passar”, acusa, uma opinião que acaba por contrastar com os resultados de alguns estudos, que revelam uma diminuição clara da violência dentro dos estádios de futebol ingleses, nos últimos anos (Cashmore & Dixon, 2024; Cleland & Cashmore, 2016). Argumenta, ainda assim, que proibir o material de apoio, como os megafones, os tambores ou as tarjas, não é o caminho a seguir para uma maior segurança dentro dos recintos desportivos. Na opinião de Samico, o problema não está nas massas, mas sim em alguns indivíduos em particular. “Podemos ser 1000 que, para além desses, vão haver outros 500 que não têm nada a ver com a claque, mas depois é ela que paga”, adianta, admitindo que muitas vezes, na bancada, a direção da Juve Leo nem é capaz de distinguir os membros da claque dos restantes.

Luís Carlos, da Torcida Verde, torna a ir mais a fundo no tema. “A violência sempre fez parte do futebol, infelizmente. É muito anterior à questão inglesa”, começa por dizer, não ilibando as claques da sua cota parte de culpa, neste cenário. “Se por um lado foi um fenómeno construtivo e intervencional, também se foi transformando num campo de batalha. Temos de reconhecer isso”, admite, lembrando que o movimento *ultra* é “contestatário por natureza”, nascido dos movimentos sociais de Itália dos anos 60 do século passado (já aqui referidos). Defende mesmo que “o movimento *ultra* pautava-se, ao início, por um autocontrolo social. A polícia não entrava na *curva*”, mas reconhece que, hoje, “esse autocontrolo desapareceu”.

Para Luís Carlos, as restrições colocadas aos adeptos acabam também por estar intimamente ligadas à questão do futebol moderno. “Nós, os GOA, também tivemos culpa nestas imposições, por termos deixado que o futebol se tornasse num negócio”, argumenta. O gatilho, diz o líder da Torcida Verde, foi o chamado cartão do adepto.

O cartão do adepto surge em 2020, visando criar uma zona particular nos estádios para as claques, com bilhetes nominais. Tais zonas receberam o nome de ZCEAP (Zonas com Condições Especiais de Acesso e Permanência de Adeptos). Foi uma medida criada pelo Ministério da Administração Interna português, em conjunto com a APCVD, com o objetivo

de facilitar a identificação dos adeptos e assim, em teoria, combater o racismo, a xenofobia e a intolerância nos espetáculos desportivos (RTP, 2020; Sapo Desporto, 2020).

A ideia, porém, foi rapidamente recebida com críticas e insatisfação, a começar pela própria Associação Portuguesa de Defesa do Adepto. A entidade acusou a medida de estereotipar os adeptos e de já ter dado provas de não funcionar (TSF, 2020), uma visão partilhada por Luís Carlos. “O problema não é os bilhetes serem nominais, é serem forçosamente nominais só para as claques. Isso é segregação”, defende. O líder da Torcida reitera também a ideia de que as ZCEAP, na prática, sofreram de problemas logísticos desde início. “Não tínhamos mais de 20 bilhetes por jogo. O Sporting não nos vendia mais. Depois, diziam que tínhamos de ter todos *gamebox* [bilhete anual], o que não estava no protocolo”, acusa. Lembra, porém, que o clube chegou a permitir a venda de bilhetes para esta zona a adeptos visitantes, uma atitude que, para Luís Carlos, só tem uma explicação: “Fazem-no para ter mais receita. O cartão dava acesso a serviços, não era só para segregar os adeptos. Muitos grupos foram contra o cartão também por isso”, acrescenta.

Por fim, Luís Carlos fala numa lei que, ao fim ao cabo, era gerida por aquilo que diz ser uma parte interessada. “O Estado faz a lei, mas delega o cumprimento ou não da mesma na Liga. Por sua vez, é a Liga quem gere a questão dos bilhetes nominais no estádio, uma medida do Governo. Ao criarem uma lei que não é nem fiscalizada nem cumprida, cria-se uma descredibilização nas instituições”, lamenta.

Já Pibe, do DUXXI, partilha da opinião de Samico, quando afirma que as restrições impostas aos adeptos, nomeadamente às claques, pouco resolveram, no que toca a episódios de violência no futebol. Diz mesmo que “há uma estrutura montada para acabar com as claques, em Portugal,” dando o exemplo das recentes modificações feitas nos estádios do Sporting CP, do SL Benfica e do FC Porto com vista a proporcionar espetáculos que antes eram montados pelas claques (pirotecnia, tarjas, bandeiras, luzes, etc.), e lembra também casos de leis impostas em Portugal, como a proibição da venda de cerveja dentro do estádio, que não existem em alguns países estrangeiros. “Somos dos poucos países na Europa em que isso acontece”, garante, e facto é que as opiniões divergem quanto à venda de bebidas alcoólicas dentro dos recintos desportivos (Gomes, 2024; Zenha, 2024). Acusa, por isso, quem faz tais regras de desconhecer a realidade e, sobretudo, de não ouvir o lado do adepto. “Se o futebol é tão importante em Portugal, devia falar-se mais no assunto. As limitações impostas são um tema secundário. Não se debate, ‘corta-se’ só sem justificação”, acusa.

4.4. Símbolos extremistas

Por fim, relativamente à exibição de símbolos extremistas nos GOA (suásticas nazis, cruzes celtas, etc.), os testemunhos dividem-se, havendo quem admita a presença dos mesmos e quem garanta que tais imagens ou ideologias nunca entraram na claque.

Samico, o atual líder da Juve Leo, começa por abordar a questão da política no grupo de forma genérica. “Já tivemos a claque mais dividida, por causa da política (uns eram mais de direita, outros mais de esquerda)”, admite. Reconhece também que os símbolos extremistas, em particular, acabaram por ganhar o seu espaço na claque, durante os anos 90 do século passado e inícios dos anos 2000. “Acabar com isso foi uma das lutas do presidente da Juve Leo de então”, garante, deixando a certeza de que a exibição de tal simbologia no grupo é coisa do passado. “Hoje já não existem, para bem da claque. Nem esses símbolos nem essa divisão política”, assegura. Acrescenta ainda que, quando os houve, acabou por sentir a presença dos mesmos mais como uma “moda que pegou” entre os *ultras* da altura, do que como uma exibição convicta de crenças políticas, mas admite que houve exceções.

Chegando aos dias de hoje, Samico revela que a política ainda é tema no grupo, mas apenas em conversas particulares entre os membros. Termina revelando que sente “muito a presença dos *casuals*, na Juve Leo, sobretudo desde que acabaram as tarjas e os materiais de apoio”. Neste sentido, admite que o racismo também chegou a ser um problema, dentro do grupo. “Tivemos episódios desses, há uns 20 ou 25 anos atrás, por parte de alguns elementos afetos a grupos de extrema-direita dentro da claque”, reconhece. Hoje, porém, garante que o racismo já não é assunto na Juve Leo. “Nem nós o permitimos, dentro da claque. Não fazemos nenhum controlo a quem entra pela primeira vez, mas tomamos medidas internamente, caso nos demos conta de símbolos extremistas ou atos de racismo ou xenofobia”, adianta.

À conversa com Luís Carlos, da Torcida Verde, o responsável começa por ligar diretamente o extremismo político de alguns *ultras* àquilo a que chama uma “cultura de ódio”, que diz derivar, por sua vez, dumha cultura de “vitória ou morte”. Ainda assim, partilha da opinião de Samico, quando diz que os símbolos políticos nas claques acabaram por ser, sobretudo, uma moda, que acabou por contribuir para o que diz ser um estereótipo. “Ser *ultra* tornou-se sinónimo de ser de extrema-direita”, lamenta. Sobre a Torcida, porém, diz que acabou por criar-se uma imagem completamente inversa, na opinião pública. “Nunca houve bandeiras nazis ou celtas na Torcida”, garante, pelo que as massas, diz Luís Carlos, assumiram que a claque pertencia ao espectro político oposto. Nisto, e contrariamente ao que

é garantido na literatura (Viñas, 2023), nega categoricamente a presença de qualquer símbolo político afeto à extrema-esquerda, no seio do grupo.

Sobre a presença da política na claque, Luís Carlos relativiza o peso do termo. “Tudo é política. Uma coisa é politizar ou partidarizar uma *curva*, outra é seres intervencionistas. Nós preferimos a segunda”, explica, lembrando aquilo que, no fundo, acaba por ser um dos mote da Torcida Verde: “Tomar posição sempre! Tomar partido nunca!” (Torcida Verde, s.d.-e). “Não é por sermos ‘antirracistas’ que temos de ser militantes do movimento antirracista. Em primeiro lugar, somos militantes do Sporting Clube de Portugal”, exemplifica, admitindo porém que o grupo chegou a realizar “ações com vários municípios”, no sentido de alertar para este tema, em concreto. E sobre o racismo, assegura também que tais comportamentos nunca foram permitidos na Torcida, até pelo facto de se tratar de uma claque que se diz multicultural e multiétnica. “Não sei se existem racistas na Torcida Verde. Se há, não se expõem, e continuarão a ser bem vindos, desde que não manifestem esse racismo na bancada ou dentro do grupo”, esclarece.

Termina dizendo que, na Torcida Verde, não sente nem nunca sentiu a presença de qualquer tipo de subcultura em particular. “Mas não fazemos nenhum teste psicotécnico a cada pessoa que quer tornar-se membro da claque”, ressalva.

Por fim, o líder do Diretivo Ultras XXI, Pibe, começa por confessar que, genericamente, sente “uma tendência para a direita”, entre os membros da claque. E quando confrontado com o passado neonazi do sócio fundador, o atual nº1 do DUXXI não nega o historial de Miguel D’Almada, mas afirma, categoricamente, que o apolitismo é algo que define o grupo desde o início. Garante aliás que o nascimento do grupo, derivado da já referida cisão com a Juve Leo, ficou a dever-se, em parte, à liberdade que os *skinheads* teriam dentro da claque mais antiga do Sporting. “Fomos até conhecidos por ‘varrer’ os ‘carecas’”, atira, dizendo ainda que mal sentiu a presença de *skinheads* na claque que lidera. “Nunca se alimentou isso, aqui, mas lá [Juve Leo] deixaram”, acusa, reconhecendo, porém, que seria benéfico para a claque equacionar a imposição de um maior controlo a quem entra no grupo.

Pibe admite que se fala de política na claque, de vez em quando, mas adianta que nunca assistiu a uma “grande discussão” em torno do tema. Deixa mesmo a garantia de que a política nunca provocou divisões no Diretivo, ao contrário do que aconteceu na Juve Leo. E sobre a exibição de símbolos políticos nas bancadas, assegura que não se recorda de episódios desses na claque e entende, tal como Samico e Luís Carlos, que tais cenários viraram moda. “A malta mal sabia o que estava a fazer”, atira. E sobre eventuais episódios de racismo na

claque, garante que não tem conhecimento de situações dessas no Diretivo e que a tolerância é “zero” no que toca a tais comportamentos, até porque o grupo “sempre teve muitos elementos de ascendência africana”.

Conclusões

A literatura aqui revista permite concluir, desde já, que a relação entre a política e o futebol teve e continua a ter como um dos seus espelhos os grupos organizados de adeptos, ou claques. As origens e evolução desta relação, por sua vez, variam de país para país e até entre diferentes claques de um mesmo clube, como ficou aqui visto no caso do Sporting Clube de Portugal. Assim, e com um historial que aponta para uma proximidade evidente entre a extrema-direita e as claques portuguesas, sobretudo no período que marcou a viragem do último século, as entrevistas aqui efetuadas aos líderes da Juventude Leonina, do Diretivo Ultras XXI e da Torcida Verde permitem pintar um quadro mais nítido (ainda que breve) do passado e presente destes GOA e da relação entre cada claque e o clube que apoiam, mas também, e acima de tudo, das formas através das quais a política se manifesta no seio destes GOA.

Em traços gerais, e seguindo a ordem dos três tópicos que serviram de base às conversas, é possível notar que todos os grupos se revêm no movimento *Against Modern Football*, que condena a conversão cada vez mais evidente do futebol num negócio, o que (defendem) acaba por roubar a essência deste desporto, cujas origens, além de amadoras, remontam à classe operária. Das televisões aos dirigentes do próprio clube, todos acusam o futebol de ser um desporto que vive cada vez mais de dinheiro e menos de emoções e paixão, como foi durante muitos anos, pelo que é seguro concluir que há uma clara preferência pela manutenção das tradições futebolísticas, ainda que em detrimento de uma eventual superioridade económica e financeira.

A mesma sintonia de opiniões pode ser observada no que toca às imposições legais que os clubes, os Governos e os dirigentes das competições desportivas têm vindo a impor. Os líderes das claques queixam-se duma limitação crescente das liberdades e direitos dos adeptos e de serem obrigados a observar leis que, apesar de apregoadas como tendo o intuito de tentar impedir episódios de violência e racismo nas bancadas dos estádios, acusam de trazer poucos resultados práticos neste sentido. As posições das claques acabam, por isso, por transparecer uma certa aversão ao controlo e à obediência à autoridade, o que pode denotar uma mentalidade pouco conservadora, talvez até libertária, em certo modo.

Por fim, no que toca à presença do extremismo político nos grupos, nomeadamente da extrema-direita, de passados divergentes as três claques parecem ter convergido para um momento semelhante, ainda que com graus de intervenção distintos. A Juve Leo acabou por

ser a única claque das três a assumir uma presença clara da extrema-direita portuguesa, no passado, nomeadamente através de grupos que nada tinham que ver com o movimento *ultra*. No DUXXI, por sua vez, garante-se que o extremismo político nunca se manifestou no grupo, apesar do perfil neonazi do fundador, e que a própria claque nasceu, aliás, de um descontentamento com a atuação da extrema-direita presente na Juve Leo, entre outros motivos. Já na Torcida Verde, a extrema-direita aparenta nunca ter sido uma questão, dentro da claque, que acabou aliás por ver-se conotada com a extrema-esquerda, na medida em que nunca exibiu qualquer tipo de símbolos afetos à extrema-direita. O líder da Torcida nega, ainda assim, que a claque esteja ou tenha estado ligada à esquerda política.

Chegadas aos dias de hoje, estas três claques do clube afirmam pautar-se por um apolitismo ativo, dentro dos grupos, o que coincide, aliás, com a confissão dos três líderes de que, à data da conclusão deste trabalho, as relações entre claques, no Sporting, atravessam, provavelmente, o melhor momento de sempre. Na Juve Leo, afirma-se que foi feita uma “limpeza” à extrema-direita e que hoje já não há divisões dentro do grupo por motivos políticos. No DUXXI, é deixada a garantia de que o extremismo político nunca foi um assunto, dentro da claque, e que sempre foi feito um controlo interno nesse sentido, embora se admita a pertinência de equacionar um maior controlo a novos membros logo à entrada. Já na Torcida Verde, e à semelhança do que foi dito pelo líder do Diretivo, garante-se que o extremismo político continua a não ter lugar na claque, nem o de direita nem o de esquerda, neste caso.

Por fim, todas ressalvam que a exibição de símbolos extremistas de direita (como cruzes celtas ou suásticas nazis), acabou por ser, sobretudo, uma moda entre os mais jovens, que não tinham noção do real significado destes símbolos; isto apesar de, no caso da Juve Leo e do DUXXI, ser admitido que certos membros eram, de facto, afetos à extrema-direita portuguesa.

Feito este resumo, importa ainda lançar um olhar mais atento e reflexivo à presença do fenómeno “política” em cada um dos grupos.

Das conversas em si com os líderes, a Torcida Verde aparenta ser, de longe, a claque mais politicamente consciente (usando aqui um sentido mais lato do termo). Enquanto Samico e Pibe acabaram por ser mais sucintos e cingir-se ao essencial (sem prejuízo do conhecimento que efetivamente têm do assunto), Luís Carlos expôs em grande detalhe todos os temas abordados, dando mostras de ser uma pessoa informada e com convicções firmes, neste sentido. Tal postura acaba inclusive espelhada no próprio *website* da Torcida, que apresenta uma vasta panóplia de artigos, com vastas explicações, desde as origens da claque aos ideais

que defendem dentro do clube, bem como no que toca à grande crítica que as três claques fazem ao futebol atual, mas na qual a Torcida mostra ser a que mais aprofunda o tema: a crescente transformação do futebol num negócio de milhões.

Nisto, apesar de garantir ser uma claque onde a política não tem lugar, no sentido de não apregoar uma ideologia ou identidade concreta, a Torcida Verde aparenta ser, das três, a que dá mais peso ao tema (em sentido lato, uma vez mais), nos aspectos em que o mesmo acaba espelhado no futebol (liberdades das claques dentro do estádio, custos e critérios de venda de bilhetes, etc.).

Olhando agora de forma crítica para o presente trabalho em si, apesar de o mesmo trazer novos dados para um debate mais informado em torno do fenómeno das claques, nomeadamente em Portugal, importa refletir sobre as limitações com que uma pesquisa deste tipo, ainda assim, acarreta.

Em geral, e na medida em que se está aqui a lidar com um universo a rondar os milhares de pessoas, resumir o perfil sociopolítico de cada um destes grupos à visão de um único membro, ainda que sendo o líder, acaba por ser, provavelmente, a maior limitação deste trabalho. Ademais, e como defendem vários autores, um leigo na temática da política não tem, por norma, literacia suficiente para discernir a fundo sobre a própria identidade neste aspeto (Converse, 1964; Treier & Hillygus, 2009), pelo que uma definição rigorosa deve, idealmente, partir de uma avaliação exógena.

Esta autocrítica acaba por ser, simultaneamente, a primeira sugestão para investigações futuras, neste âmbito. Idealmente, uma medição independente das identidades políticas de cada um dos membros das claques, de forma individual, permitirá uma leitura mais exata daquilo que são, efetivamente, os perfis de cada um dos GOA, neste sentido. Alguns autores já propuseram questionários de administração direta com objetivos semelhantes (Ho et al, 2015; Altemeyer, 1981), pelo que uma simples adaptação e aplicação dos mesmos à realidade das claques do SCP pintaria, certamente, um quadro mais exato desta realidade.

Por fim, importa referir que, por indisponibilidade do respetivo líder, não foi aqui incluído um dos GOA do SCP, a Brigada Ultras Sporting, que é, aliás, a única claque legalizada do clube, à data da conclusão deste trabalho. É seguro afirmar que uma análise também a este grupo permitirá compreender de forma mais holística a realidade sociopolítica dos grupos organizados de adeptos do Sporting Clube de Portugal.

Referências

- Altemeyer, B. (1981). *Right-Wing Authoritarianism*. University of Manitoba Press.
- Antonowicz, D., Szlendak, T., & Kossakowski, R. (2012). Piłkarz jako marka i perryferyjny kibic jako aborygen. O wybranych społecznych konsekwencjach komercjalizacji sportu. *Kultura i Społeczeństwo*, 3, 3–23.
- Armstrong, G., & Julianotti, R. (1998). From another angle: Police surveillance and football supporters. In C. Norris, J. Moran, & G. Armstrong (Eds.), *Surveillance, closed circuit television and social control* (pp. 113–135). Aldershot: Ashgate.
- Barreto, D. (2024, fevereiro 4). Manifestação de extrema-direita com pouca adesão. *Sábado*. <https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/manifestacao-de-extrema-direita-com-pouca-adesao>
- Bernache-Assollant, I., Bouchet, P., Auvergne, S., & Lacassagne, M. F. (2011). Identity crossbreeding in soccer fan groups: A social approach. The case of Marseille (France). *Journal of Sport and Social Issues*, 35(1), 72–100. <https://doi.org/10.1177/0193723510396667>
- Brigada. (2004, December 24). *Brigada 2004*. Disponível em: <http://brigada2004.blogspot.com>
- Cardoso, G., Xavier, D., & Cardoso, T. (2007). Futebol, identidade e media na sociedade em rede. *Observatorio (OBS)*, 1(1), 119–143.
- Carnibella, G., Fox, A., Fox, K., McCann, J., Marsh, J., & Marsh, P. (1996). *Football violence in Europe*. Unpublished report to the Amsterdam Group.
- Cashmore, E., & Dixon, K. (2024). Why football violence made a comeback in continental Europe but spared England. *Soccer & Society*, 25(3), 378–384. <https://doi.org/10.1080/14660970.2023.2301204>
- Cleland, J., & Cashmore, E. (2016). Football fans' views of violence in British football: Evidence of a sanitized and gentrified culture. *Journal of Sport and Social Issues*, 40(2), 124–142. <https://doi.org/10.1177/0193723515615177>
- Conceição, R. M. D. (2014). *Claques de futebol em Portugal: Os discursos nas redes sociais* (Tese de Doutoramento). Universidade de Lisboa.
- Converse, P. E. (1964). The nature of belief systems in mass publics. In D. Apter (Ed.), *Ideology and discontent* (pp. 206–261). New York: Free Press.
- Diretivo Ultras XXI. (n.d.). *Quem somos*. Disponível em: <https://duxxi.org/quem-somos/>

- Dunning, E. (1992). Figurational sociology and the sociology of sport: Some concluding remarks. In E. Dunning & C. Rojek (Eds.), *Sport and leisure in the civilizing process: Critique and counter-critique* (pp. 221–284). London: Palgrave Macmillan.
- Dunning, E. (2000). Towards a sociological understanding of football hooliganism as a world phenomenon. *European Journal on Criminal Policy and Research*, 8, 141–162.
- Dunning, E., Murphy, P. J., & Williams, J. (1988). *The roots of football hooliganism: An historical and sociological study*. Routledge.
- Dunning, E., Astrinakis, A., Murphy, P., & Waddington, P. (2002). *Fighting fans: Football hooliganism as a world phenomenon*. Dublin: University College Dublin Press.
- Ebenstein, W. (1974). *4 ismos em foco*. Porto: Brasília Editora.
- Feldman, S., & Johnston, C. (2014). Understanding the determinants of political ideology: Implications of structural complexity. *Political Psychology*, 35(3), 337–358. <https://doi.org/10.1111/pops.12055>
- Fernandes, I. R. C. (2021). *Ser membro de uma claque de futebol: Vivências e significados associados* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa.
- Ferreira, F. (2017, setembro 26). Adepto do Sporting revela dados pessoais de árbitros e comentadores. *Correio da Manhã*. Disponível em: <https://www.cmjornal.pt/desporto/detalhe/20170926-0042-00-adepto-do-sporting-revela-dados-pessoais-de-arbitros-e-comentadores>
- Frostick, S., & Marsh, P. (2005). *Football hooliganism*. Devon: Willan Publishing.
- Figueiredo, A. (2008, novembro 17). Bilhetes, droga e armas. *Diário de Notícias*. Disponível em: <https://www.dn.pt/dossiers/desporto/claques-e-violencia/noticias/bilhetes-droga-e-armas--1067594.html/>
- Giulianotti, R. (1994). Scoring away from home: A statistical study of Scotland football fans at international matches in Romania and Sweden. *International Review for the Sociology of Sport*, 29(2), 171–199. <https://doi.org/10.1177/101269029402900204>
- Gomes, D. (2024, setembro 27). Cerveja nos estádios? Sejamos sinceros: ‘desporto’ e ‘álcool’ na mesma frase não bate certo. *Tribuna Expresso*. Disponível em: <https://tribuna.expresso.pt/opiniao/2024-09-27-cerveja-nos-estadios-sejamos-sinceros-desporto-e-alcool-na-mesma-frase-nao-bate-certo-961ea33f>
- Gomes, J. (2024, junho 25). Três detidos após buscas a membros das claques do Sporting de Braga. *Jornal de Notícias*. Disponível em: <https://www.jn.pt/6338546598/tres-detidos-apos-buscas-a-membros-das-claques-do-sporting-de-braga/>

- Gońda, M. (2013). Supporters' movement "Against modern football" and mega sport events: European and Polish contexts. *Przegląd Socjologiczny*, 62(3), 85–106.
- Grove, D. J., Remy, R. C., & Zeigler, L. H. (1974). The effects of political ideology and educational climates on student dissent. *American Politics Quarterly*, 2(3), 259–275. <https://doi.org/10.1177/1532673X7400200301>
- Ho, A. K., Sidanius, J., Kteily, N., Sheehy-Skeffington, J., Pratto, F., Henkel, K. E., & Stewart, A. L. (2015). The nature of social dominance orientation: Theorizing and measuring preferences for intergroup inequality using the new SDO₇ scale. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 41(8), 1003–1030.
- Jorge, C. (2019, outubro 7). O Chega elegeu um deputado e promete ser o maior partido daqui a 8 anos. *Observador*. Disponível em: <https://observador.pt/2019/10/07/o-chega-elegeu-um-deputado-e-promete-ser-o-maior-partido-daqui-a-8-anos/>
- Kitching, G. (2015). The origins of football: History, ideology and the making of 'The People's Game'. *History Workshop Journal*, 79(1), 127–153. <https://doi.org/10.1093/hwj/dbu023>
- Kosiorek, J., Cieślicka, M., Napierała, M., & Żukow, W. (2011). Sens kibicowania. In M. Napierała, A. Skaliy, & W. Żukow (Eds.), *Stan, perspektywy i rozwój ratownictwa, kultury fizycznej i sportu w XXI wieku* (pp. 390– 392). Bydgoszcz: Wyższa Szkoła Gospodarki w Bydgoszczy.
- Dal Lago, A., & De Biasi, R. (1994). Italian football fans: A societal psychological perspective. In R. Giulianotti & J. Williams (Eds.), *Football, violence and social identity* (pp. 73–89). London: Routledge.
- Lamizet, B. (1992). *Les lieux de la communication*. Editions Mardaga.
- Laxmidas, S. (2024, março 11). Os vencedores, os empataados e os derrotados das legislativas. *ECO*. Disponível em: <https://eco.sapo.pt/2024/03/11/os-vencedores-os-empataados-e-os-derrotados-das-legislativas/>
- Leeson, P. T., Smith, D. J., & Snow, N. A. (2012). Hooligans. *Revue d'économie politique*, 122(2), 213–231.
- Lei n.º 39/2009 de 30 de julho. Diário da República, n.º 146/2009, Série I. Assembleia da República.
- Leite, Â., Ramires, A., Costa, R., Castro, F., Sousa, H. F. P. E., Vidal, D. G., & Dinis, M. A. P. (2020). Comparing psychopathological symptoms in Portuguese football fans and non-fans. *Behavioral Sciences*, 10(5), 85. <https://doi.org/10.3390/bs10050085>
- Marchi, R. (2020). *A Nova Direita Anti-Sistema: O Caso do Chega*. Edições 70.

- Marivoet, S. (2009). Subculturas de adeptos de futebol e hostilidades violentas: O caso português no contexto europeu. *Configurações. Revista Ciências Sociais*, 5/6, 279–299.
- McCarthy, J. D., & Zald, M. N. (1977). Resource mobilization and social movements: A partial theory. *American Journal of Sociology*, 82(6), 1212–1241. <https://doi.org/10.1086/226464>
- Mendes, M. S., & Dennison, J. (2020). Explaining the emergence of the radical right in Spain and Portugal: Salience, stigma and supply. *West European Politics*, 44(4), 752–775. <https://doi.org/10.1080/01402382.2020.1777504>
- Millward, P. (2011). *Transnational networks, social movements and sport in the new media age*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Morais, P. (2024, setembro 14). Salgado Zenha defende álcool nos estádios: «Há clubes holandeses com receitas de 10 milhões em catering». *Record*. Disponível em: <https://www.record.pt/futebol/futebol-nacional/liga-betclic/sporting/detalhe/salgado-zenha-defende-alcool-nos-estadios-ha-clubes-holandeses-com-receitas-de-10-milhoes-em-catering>
- Mudde, C. (1995). What, Who, Why?: The Defining of the Extreme Right Party Family. *ECPR*.
- Mudde, C. (2007). *Populist radical right parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mudde, C. (2010). The Populist Radical Right: A Pathological Normalcy. *West European Politics*, 33(6), 1167–1186. <https://doi.org/10.1080/01402382.2010.508901>
- Neves, S., Borges, J., Topa, J., Silva, E., & Borges, F. (2021). *Estudo Nacional sobre o Racismo no Futebol em Portugal: Percepções e vivências*.
- Oliveira, J. (2024, fevereiro 3). Grupo 1143: quem está por trás da manifestação anti-islamização? *NOVO Semanário*. Disponível em: <https://onovo.sapo.pt/noticias/grupo-1143-quem-esta-por-tras-da-manifestacao-anti-islamizacao/>
- Podaliri, C., & Balestri, C. (1998). The ultras, racism and football culture in Italy. In A. Brown (Ed.), *Fanatics! Power, identity and fandom in football* (pp. 88–100). Londres: Routledge.
- Redação. (2024, fevereiro 28-a). Rafael Leão recorda invasão a Alcochete: "Reconheci alguns antigos colegas da escola". *SAPO Desporto*. Disponível em: <https://desporto.sapo.pt/futebol/serie-a/artigos/rafael-leao-recorda-invasao-a-alcochete-reconheci-alguns-antigos-colegas-da-escola>

- Redação. (2007, abril 20-b). Skins detidos pertencem a claques. *CNN Portugal*. Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/skinheads/extrema-direita/skins-detidos-pertencem-a-claques>
- Redação. (2015, fevereiro 14-c). Mário Machado e os 1143. *Record*. Disponível em: <https://www.record.pt/especial/detalhe/mario-machado-e-os-1143-936083>
- Redação. (2013, março 8-d). João Rocha: orgulho por ter deixado o clube sem dívidas. *Record*. Disponível em: <https://www.record.pt/futebol/futebol-nacional/liga-betclic/sporting/detalhe/joao-rocha-orgulho-por-ter-deixado-o-clube-sem-divididas-808583>
- Redhead, S. (2004). Hit and tell: A review essay on the soccer hooligan memoir. *Soccer & Society*, 5(3), 392–403. <https://doi.org/10.1080/1466097042000279625>
- Redhead, S. (2012). Soccer casuals: A slight return of youth culture. *International Journal of Child, Youth and Family Studies*, 3(1), 65–82. <https://doi.org/10.18357/ijcyfs31201210474>
- Roversi, A. (2017). The birth of the ‘Ultras’: The rise of football hooliganism in Italy. In *Games without frontiers* (pp. 359–381). Routledge.
- RTP. (2020, novembro 4). APCVD já emitiu cerca de 400 cartões do adepto – presidente. *RTP*. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/futebol-nacional/apcvd-ja-emitiu-cerca-de-400-cartoes-do-adepto-presidente_d1264266
- Sales Dias, P. (2015, maio 20). Estado gasta 3,5 milhões por ano com policiamento dos jogos da I Liga. *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2015/05/20/desporto/noticia/estado-gasta-mais-35-milhoes-por-ano-com-policiamento-dos-estadios-nos-jogos-da-i-liga-1696206>
- Santos, J. (2023, agosto 24). A queda de um neonazi português no Brasil. *Visão*. Disponível em: <https://visao.pt/atualidade/sociedade/2023-08-24-a-queda-de-um-neonazi-portugues-no-brasil/>
- SAPO Desporto. (2020, outubro 12). Portaria que regula novo Cartão do Adepto publicada em Diário da República. *SAPO Desporto*. Disponível em: <https://desporto.sapo.pt/futebol/artigos/portaria-que-regula-novo-cartao-do-adepto-publicada-em-diario-da-republica>
- Seabra, D. A. (1998). Super dragões desmascarados. *Antropológicas, Edição Especial*, 39–42.
- Seabra, D. A. (2009). Elementos constitutivos da identidade da claque Super Dragões. *Configurações: Revista de Ciências Sociais*, 5/6, 301–321. <https://doi.org/10.4000/configuracoes.1025>

- Seabra, D. A. (2019). *Claques do futebol: o teatro das nossas realidades*. Edições Afrontamento.
- Seixas, C., & Moriconi, M. (2023). Profile of the Portuguese football supporters. *Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*.
- Serrado, R., & Serra, P. (2014). *História do Futebol Português: Uma análise social e cultural* (2^a ed., Vols. 1 e 2). Lisboa: Prime Books.
- Silva, J. R., Da Silva, R., Fernández-Navarro, P., Rosa, C., & Gonçalves, M. M. (2020). Understanding extreme violent behavior in ultra firms: Exploring identity fusion from a dialogical perspective. *Journal of Constructivist Psychology*, 33(3), 263–278. <https://doi.org/10.1080/10720537.2019.1676342>
- Spaaij, R., & Viñas, C. (2005). Passion, politics and violence: A socio-historical analysis of Spanish ultras. *Soccer & Society*, 6(1), 79–96. <https://doi.org/10.1080/1466097052000337034>
- Spaaij, R. (2006). Football hooliganism as a transnational phenomenon: Issues and responses. In *Sport and violence* (pp. 363–371). Universidad Pablo de Olavide.
- Spaaij, R. (2007). Football hooliganism as a transnational phenomenon: Past and present analysis: A critique – More specificity and less generality. *The International Journal of the History of Sport*, 24(4), 411–431. <https://doi.org/10.1080/09523360601157156>
- Spaaij, R., & Viñas, C. (2017). Political ideology and activism in football fan culture in Spain: a view from the far left. In *Fan Culture in European Football and the Influence of Left Wing Ideology* (pp. 79-96). Routledge.
- Sporting Clube de Portugal. (s.d.). *Presidentes*. Sporting Clube de Portugal. Disponível em: <https://www.sporting.pt/pt/clube/historia/presidentes>
- Taylor, I. (1971). Football mad: A speculative sociology of football hooliganism. In E. Dunning (Ed.), *The Sociology of Sport* (p. 363). London: Frank Cass.
- Testa, A. (2009). The UltraS: An emerging social movement? *Rev. Eur. Stud.*, 1, 54.
- Testa, A., & Armstrong, G. (2013). The ultras: The extreme right in contemporary Italian football. In *Varieties of Right-Wing Extremism in Europe* (pp. 265–279). Routledge.
- Tilly, C. (1978). *Collective violence in European perspective*.
- Torcida Verde. (s.d.-a). *Mentalidade*. Torcida Verde. Disponível em: <https://www.torcidaverde.pt/mentalidade>
- Torcida Verde. (s.d.-b). *Nas modalidades amadoras*. Torcida Verde. Disponível em: <https://www.torcidaverde.pt/historia/381-nas-modalidades-amadoras-surgem-os-primeiros-apoios-ao-scp>

Torcida Verde. (s.d.-c). *Origens da Torcida Verde*. Torcida Verde. Disponível em: <https://torcidaverde.pt/historia/46-historia>

Torcida Verde. (s.d.-d). *Política Zero na Curva*. Torcida Verde. Disponível em: <https://www.torcidaverde.pt/mentalidade/posicoesoficiais/127-politicazero>

Torcida Verde. (s.d.-e). *Tomar posição sempre, tomar partido nunca*. Torcida Verde. Disponível em: <https://www.torcidaverde.pt/mentalidade/posicoesoficiais/477-tomar-posicao-sempre-tomar-partido-nunca>

Treier, S., & Hillygus, D. S. (2009). The nature of political ideology in the contemporary electorate. *Public Opinion Quarterly*, 73(4), 679–703. <https://doi.org/10.1093/poq/nfp067>

TSF. (2020, setembro 9). Adeptos contra Cartão: "Discriminatório, não combate o racismo nem a conduta violenta". *TSF*. Disponível em: <https://www.tsf.pt/desporto/amp/adeptos-contra-cartao-discriminatorio-nao-combate-o-racismo-nem-a-conduta-violenta-12489162.html/>

Varela, C. (2007, abril 20). PSP liga neonazis a claque. *Jornal de Notícias*. Disponível em: <https://www.jn.pt/arquivo/2007/psp-liga-neonazis-a-claque-667768.html/>

Viñas, C. (2023). Claque, Ultras and Radicals: The Uneven Development of Fandom in Spain and Portugal—A History of Identities and Political Extremism. In *Football Fandom in Europe and Latin America: Culture, Politics, and Violence in the 21st Century* (pp. 193–211). Cham: Springer International Publishing.

Webb, S., & Webb, B. (1975). *Methods of social study*. Cambridge University Press.

Williams, J. (1991). When violence overshadows the spirit of sporting competition: Italian football fans and their sports clubs. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 1(1). <https://doi.org/10.1002/casp.2450010104>

Anexos

Anexo A: Guião entrevistas

1. Fala-me um pouco da história da claque. Como é que nasceu? Quando é que nasceu?
Quem é que a fundou?
2. O que é faz da claque uma claque diferente das outras?
3. Na tua opinião, o que é que leva uma pessoa a juntar-se à claque? É só por causa do Sporting, ou há outros motivos?
4. Fora os jogos (de futebol e não só), a claque costuma dinamizar ou estar presente em outros eventos/atividades?
5. As claques costumam ser um local de encontro de gente de origens muito diferentes (sociais, económicas, culturais, etc.). Sentes que essa diversidade existe na claque?
 - a. Como é que descreves a convivência entre os membros?
 - b. O tema de conversa costuma girar só em torno do futebol?
 - c. Costumam falar de política, entre vocês?
6. Um dos movimentos mais conhecidos entre adeptos de futebol é o movimento contra o chamado “futebol moderno” (AMF), que critica, no fundo, o facto de o futebol, hoje em dia, estar a tornar-se cada vez mais num negócio em que os muito ricos acabam por estragar a verdadeira paixão pelo futebol. Como é que a claque olha para a forma como o futebol tem evoluído neste sentido, nos últimos anos?
 - a. Revêem-se no AMF?
7. Olhando especificamente para os adeptos, as regras e leis em torno dos mesmos, nomeadamente das claques, têm vindo a ficar cada vez mais apertadas aos longo dos anos. Como é que a claque olha para estas leis que são impostas aos adeptos que querem ir ao estádio?
8. Os anos 90 e o início dos anos 2000 marcaram um período de grande notoriedade das claques portuguesas, e nem sempre pelos melhores motivos. Registaram-se vários episódios de violência, mas também surgiu um outro fenómeno: começaram a aparecer símbolos políticos extremistas no meio dos grupos nas bancadas, durante os jogos, como bandeiras nazis, por exemplo. Que tu te lembres, houve situações destas na claque?
 - a. Ainda acontecem episódios destes, hoje em dia?
9. Assiste (ou assistiu) a episódios de racismo dentro da claque?

10. O futebol, ao longo dos anos, acabou por misturar muitas culturas entre os adeptos. Algumas até nasceram do futebol e acabaram por ficar muito associadas precisamente às claques. Há grupos destes na claue?